

Water Wise

– Desde o início do século XXI, as catástrofes naturais passaram a ser o pão nosso de cada dia, o planeta Terra sofre de Parkinson, treme por todos os lados. Milhares morrem de fome e os outros estão demasiado ocupados a matar-se uns aos outros. Apesar de não parecer, e o botox ajuda, o planeta Terra conta já com 4,54 mil milhões de anos e a velhice toca a todos. – era com uma destas analogias parvas que eu costumava introduzir cada novo semestre no Campus da Universidade. A preocupação com o meio ambiente deixara de ser a moda para passar a ser uma necessidade. – A Terra está na menopausa, apelidada por nós humana gente de “Aquecimento Global” e tem vindo a envelhecer rapidamente.

A gargalhada era geral, e terminei:

– Não há nada que se possa fazer agora, a não ser, ter paciência, ter cuidado e esperar que o Dalai Lama revele o segredo dele.

Os políticos esforçavam-se por manter o optimismo mas a água potável estava a acabar, agora um litro de água potável custa mais do que encher o meu tanque de hidrogénio líquido, “desidratado mas sobre rodas”. Estava no último de ano de Física e era Presidente de Associação de Estudantes; se o campus não estivesse fora da jurisdição da polícia existiria menos um licenciado nas estatísticas, o importante era “manter o optimismo” dizia-se.

– Anda um homem do governo à tua procura nos dormitórios – disse Loki, perguntei-lhe se sabia o que lhe queriam (se calhar era mesmo desta que eu ficava sem cabeça) mas ele não me soube responder.

A Universidade nada tinha de popular aos olhos do Estado e eu, Peter, como representante dos alunos deveria ter ainda menos popularidade entre os “do poleiro”.

– Olá Peter. Michael Basen. – cumprimentou o homem com um poderoso *handshake*, fizera de conta que estava em sua casa.

– É desta que vou preso?

– Não temos por hábito prender adolescentes libertinos. – afinal ainda não era desta – Esses limitam-se a desaparecer de circulação.

Agora sentia-me muito melhor, o homem expôs-me a situação.

– A água potável está a acabar na Grã-Bretanha.

Digam-me algo que eu não saiba.

– Então e os últimos furos no Norte? Não deviam chegar para mais uma década?

– Imprópria para consumo.

Era um suicídio político. O sucesso dos últimos furos tinha sido anunciado aos sete ventos e valera ao governo a sua eleição, eu próprio votara neles.

– Demasiado salgada?

– Demasiado contaminada. - Estendeu-me o relatório, uma leitura na diagonal mostrou que o que haviam encontrado nos lençóis não era água, mas antes um cocktail de bactérias, vírus e toxinas. Surpreendi-me como é que o líquido que jorrara do géiser, e que fora a imagem que mais passara na televisão durante o Verão, fosse transparente. - Não há dinheiro para a purificação.

– O que encontraram foi diluente e terebintina ou assim, se isto começou por ser água está muito bem disfarçada.

A conversa decorreu com a solenidade de dois cientistas que discutiam processos. O substrato biológico era fácil de extrair, o problema estava na quantidade de fuel semi-solúvel da mistura.

Apesar de ter ficado muito entusiasmado detestava ainda mais o Governo e fiquei feliz por o ver fora do meu quarto, Loki costumava dizer que eu era um anarquista-elitista, e neste momento a minha vertente elitista estava a dizer-me que precisava de dormir.

Quando o despertador tocou, pensei duas vezes em acordar antes de me lembrar que o meu despertador era o anarquista-mor que apenas tocava quando estava realmente atrasado. Levantei-me num pulo e em dois minutos estava fora do quarto com a minha t-shirt "*There is plenty of room at the bottom*".

Surpreendi-me ao constatar que Michael Basen, o homem engravatado da noite anterior, era o novo professor regente. Loki, o rapaz albino que era dos meus melhores amigos desde sempre e que estudava Engenharia Mecânica, olhou-me com espanto.

No fim da aula fui chamado à parte:

– Ficas dispensado das formalidades da disciplina se trabalhares para mim e solucionares o problema.

– E se não encontrar a solução?

- Nesse caso chumbas a cadeira, crias um banho de sangue e vários julgamentos de praça pública.

"Chumbar é que não!" pensei sarcasticamente.

Foi por orgulho ou por resposta à provocação que aceitei as condições.

Passei duas semanas na clausura do meu quarto com um tubinho de água, a *World Wide Web* e todos os livros que estavam à disposição no piso do meu dormitório, saía apenas para ir buscar comida ou ir à casa de banho comum ao resto do piso. Começava a achar que o enigma não tinha solução, pelo menos não uma que não fosse demasiado cara.

Loki veio visitar-me algumas vezes por períodos curtos, era um engenheiro excepcional e eu acreditava sem exagero de que ele era capaz de construir uma máquina para o que quer que fosse. Nas suas visitas mandava-me fazer a barba e contava-me as novidades:

– Tens de parar, estás possuído Peter.

– Agora que isto está a ficar giro? – retorqui, ele retribuiu com o olhar de sarcasmo.

– Porque não fazes "à químico"? Experimenta até encontrares. Entretanto vem passar o fim-de-semana ao Norte. Os meus avós recebem-nos.

Demorou a convencer-me mas lá assenti, acima de tudo ia poder ver a água com a qual andava a trabalhar e que estava a dar comigo em doido. À chegada vi Catelyn, irmã de Loki, no quintal com a avó, paixões antigas reabriram as feridas e resolvi afastar-me.

O géiser ficava a duas milhas da casa dos avós de Loki, o terreno não era seco mas o solo era pobre, esgotado por dois séculos de agricultura intensiva.

Sentei-me no chão e fechei os olhos, não sou *zen* nem nada mas sentia-me melhor assim.

Ouvi os passos leves de Catelyn a aproximar-se:

– Á espera da nave-mãe, Peter Gilles? – a voz dela fez-me despertar – Como se tem portado o Loki por lá? Alguma namorada?

– Uma por semana... Em média. – ela soltou uma gargalhada, também era albina, a sua pele branquinha e olhos vermelhos fascinavam-me.

– E tu?

Disse-lhe que não, mas ela já sabia a resposta, ficámos a ouvir o vento a passar, penso que por momentos perdi a capacidade de dizer o que fosse, felizmente ela cortou o silêncio:

– E quando me levas a jantar? Quero saber tudo sobre esse projecto maquiavélico de que o Loki fala.

Assim foi, ela divertiu-se a ouvir falar de coisas que não podia perceber mas impedia-me de estar calado ou mudar de assunto, contei-lhe o meu dilema com o fuel, ela gracejou.

– O que não se gosta mete-se à beira do prato! – disse retirando da borda do meu prato os coentros.

Na minha cabeça fez-se luz, não pensei mais nisso até voltar ao campus, se funcionasse prometi a mim mesmo que a pediria em casamento. Quando regresssei foi uma questão de reunir dados e confirmar os resultados. Fitei o pequeno canal de água pensei que se não funcionasse nada mais ia funcionar.

Solicitei uma audiência com Michael Basen mas nessa mesma tarde, ele apareceu no dormitório, desta vez de forma informal:

– Tens mesmo a solução para os nossos problemas?

– Acho que sim.

– *Shoot.*

– Utilizei umas micro-esferas de polímero poroso e deposei-lhes nanopartículas magnéticas por síntese química.

– Até aqui parece barato, mas é preciso que as pessoas possam beber a água.

– Estas nanopartículas vão fazer com que as esferas se comportem de forma hidrofóbica. Assim, quando são colocadas na mistura de fuel, as micro-esferas afastam-se da água para as manchas de fuel.

Michael Basen tirou os óculos do bolso do casaco com um olhar taciturno.

– Continue.

– Aí as micro-esferas hidrofóbicas tendem a dispersar-se homogeneamente, formando um fluido. Como são magnéticas, visto que contêm nanopartículas magnéticas na sua estrutura nano-porosa, serão atraídas por um íman e acabam por arrastar o fuel, que também se comporta hidrofobicamente, no fundo estamos a pôr fora do prato o que não presta.